



Volume 7, número 1, jan./abr., 2018
ISSN: 2317-0352

RESENHA

Das modalidades de intervenção política aos processos identitários: [di]visões de mundo e construção social de uma esquerda política

From political intervention modalities until identity processes: world [di]visions and social construction of a political left

Jesus Marmanillo Pereira

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba PPGS-UFPB e professor de Sociologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

E-mail:

jesusmarmanillo@hotmail.com

REIS, Eliana Tavares dos. *Trajatórias, espaços e repertórios de intervenção política: um estudo sobre militantes que “lutaram contra a ditadura” no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre (RS): EDUFMA; ZOUK, 2015.

Palavras-chave: Trajetórias; Repertórios; Militatismo.

A obra *Trajatórias, espaços e repertórios de intervenção política: um estudo sobre militantes que “lutaram contra a ditadura” no Rio Grande do Sul* apresenta os resultados de estudos realizados pela professora Eliana Tavares dos Reis entre os anos de 1999 e 2006. Assim, o livro se propõe a realizar uma análise sobre as principais lideranças e partidos de esquerda no Rio Grande do Sul.

Grosso modo, ela inicia o livro demonstrando três diferentes níveis analíticos que contemplam: 1) uma perspectiva endógena do trabalho de socialização, da construção de temas, das características e trajetórias sociais dos agentes, do trabalho coletivo e da fabricação da intervenção; 2) um viés micro e meso sociológico, focado nas posições e relações estabelecidas entre os grupos; e 3) uma abordagem que contempla aspectos macroestruturais vinculados ao contexto mais amplo de crise, vinculados à restrição e ao estímulo para o desenvolvimento de determinados repertórios de intervenção. A autora traz, assim, um referencial teórico bastante amplo, mesclando autores da Sociologia e da Ciência

Política, o qual resulta em uma análise do militantismo difusa ancorada nas condições sócio-históricas do engajamento.

Partindo da problematização de aspectos como: retribuição simbólica e material (GAXIE, 1977); construção de linguagem; quadros de referências comuns e do método sociográfico, ela expõe um conjunto de trajetórias para refletir a relação entre perfil social dos agentes e ação social. Nessa busca de condicionantes sociais da ação, traz consigo um aspecto tautológico, pois demonstra que as características individuais (obtidas pela formação de um *habitus*) seguem a mesma direção das construções motivacionais simbólicas e materiais dos agentes – a estrutura estruturante.

No terceiro capítulo, tal esforço se traduz quando tenta relacionar variáveis contextuais com as trajetórias individuais analisadas na seção anterior. Assim, estabelece uma relação entre as situações fluídas de constrangimentos e oportunidades (DOBRY, 2008), em função das condições sociais (origem social, capital escolar e cultural, redes de relações etc.) e dos espaços de atuação (grupos clandestinos, universidades, sindicatos, partidos, igrejas etc.). Distancia-se, portanto, de um exercício interpretativo epistêmico ou de uma sociologia do conhecimento, pois se trata da complementaridade de uma abordagem sobre outra, que ainda é alimentada pela noção de configuração (ELIAS, 1999). Seguindo esse caminho, ela ressalta a importância de compreender como tais agentes constituem configurações específicas das quais emergem concepções, posicionamentos e representações sobre determinadas causas.

Já as interações entre esses militantes foram pensadas em termos de um conjunto de relações qualificadas, do capital social (BOURDIEU, 2004) e de alianças diádicas (LANDÉ, 1977). Enfim, esse capítulo demonstra que cada nível analítico existe em função de um viés teórico e de um tipo de observação, assim como aponta que o esforço epistêmico da análise se faz na tentativa de estabelecer diálogo entre os diferentes autores (das diferentes áreas), sem alimentar uma discussão em torno do método ou da elasticidade dos conceitos cada autor.

Fazendo lembrar o estudo de Sader (1998), percebe que a Igreja católica e o marxismo apresentam-se como importante local de formação e base para os movimentos sociais, destacando processo de aproximação e de relação dos militantes com o Partido Comunista do Brasil (PCB)¹ e com o movimento estudantil. Embora siga a linha das matrizes discursivas, o estudo distingue-se por se focar nos agentes e suas formas de apropriação dos referenciais cristãos, da época, presentes na igreja, no movimento estudantil e que dialogavam com o comunismo. Ela percebe que os agentes que

¹ Esse partido pode ser considerado o primeiro partido de esquerda do Brasil, pois foi fundado em 1922 e permaneceu na clandestinidade durante o Estado Novo (1937-1945) e a ditadura militar (1964-1985).

reivindicavam a imagem e o domínio do instrumental marxista tinham origem social das “camadas média e alta”, e que possuíam vínculos com a ala vermelha do PCB- como exemplo cita lideranças que emergiram da família Genro. Em sua descrição, demonstra que eram um grupo especializado profissionalmente nas atividades políticas, intelectuais e jornalísticas, “que se detinha” em discutir temas da realidade brasileira e da política municipal. Dessa maneira, pode-se dizer que a autora demonstra, de forma sistematizada, a atividade política como uma espécie de “monopólio dos profissionais” (BOURDIEU, 2004) exercida pelos militantes de esquerda, no recorte trabalhado.

Em seguimento à análise do campo de relações (e configurações), o sexto capítulo expõe outra forma de apropriação dos referenciais marxistas, desenvolvida pelos militantes, a partir da análise da política partidária nacional, e do “grupo de Santa Maria-RS”. Assim, destaca que, embora reivindicassem a perspectiva marxista que circulava no Brasil, possuíam características próprias como, por exemplo, os onze militantes que eram conhecidos como “brancaleones”, explicados por ela. Trata-se de um grupo de postura mais aguerrida, com vinculação com o PCB e de origem social relativamente modesta – composta por pais operários e ferroviários, de baixa escolaridade e que, muitas vezes, também possuíam a mesma posição política.

Por outro lado, ela também notou um conjunto de treze militantes que iniciou um processo, semelhante ao nacional, que foi materializado no Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (IEPES), conhecido como Cebrapinho². Eles eram responsáveis pelo desenvolvimento de reuniões, seminários, palestras e por trazerem mais membros para o interior do grupo. Observando que eles transitavam em outros segmentos como sindicatos, movimentos sociais e de construção do PT, ela destacou um entrecruzamento entre os domínios político e intelectual, relacionado aos militantes. Segundo Reis (2015), as cisões no interior da militância ocorriam também no âmbito do debate sobre o “melhor” caminho a tomar: o de oposição autêntica ou das lamentações, diretamente vinculadas a um embate crítico a respeito das práticas marxistas e da “política da simpatia”. Essas oposições refletiam perspectivas de divisão de trabalho político e construção de definições sobre o “povo” e sobre a participação popular.

Verificando que a participação nas mobilizações ocorridas durante as décadas de 1960 e 1970 significam uma espécie de trunfo político, ela passa a problematizar e analisar os processos coletivos e de ritos de instituição (BOURDIEU, 2008), situando-os em relação às noções de geração, juventude

² Conhecido como “Cebrapinho”, pois as perspectivas interpretativas e posturas possuíam similaridade com as dos intelectuais do CEBRAP presentes em seminários e ciclos de debates no Rio Grande do Sul.

e os momentos de entrada na política. Para tanto analisa as características sociais e os processos de socialização.

Já o capítulo “Grandes expedientes como lugares de consagração: celebrações póstumas e discursos de (auto) consagração” segue abordando as estratégias de transferência de capital simbólico, por meio de análise das homenagens realizadas por parlamentares na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Para Reis (2015), existem “lógicas que autorizam os parlamentares a falar sobre aqueles que consideram grandes lideranças que lutaram pela democracia” e tais falas sinalizam uma forma de transferência de capital simbólico e de construção de redefinições, pautada no ato de aproximação e associação dos trunfos dos homenageados. Na finalização do livro, a autora busca explicar a importância das análises de carreiras militantes para apreender diferentes momentos e tipos de atuação profissional e militante, defendendo, também, a importância de se compreender as condições que influenciaram a capacidade de trânsito e atualização dos militantes.

Com uma mescla de elementos teóricos de Sociologia, Ciência Política e Antropologia, o livro *Trajетórias, espaços e repertórios de intervenção política: um estudo sobre militantes que “lutam contra a ditadura” no Rio Grande do Sul* é um exemplo de apropriação de uma análise sociológica desenvolvida no campo da Ciência Política. Por conta disso, retoma o paradigma sociológico contemporâneo, mais especificamente o modelo bourdiano, que é justaposto com abordagens focadas em aspectos históricos. Dessa forma, não se trata de uma relação indivíduo-sociedade pensada em termos de um vínculo entre subjetividade e objetividade, orientado na análise sobre a reflexibilidade dos agentes ou na pluralidade de atores sociais, mas em uma visão estrutural e determinista de condicionantes sociais da ação.

Além disso, embora o livro demonstre constantes idas e vindas entre as características sociais dos agentes, assim como de determinadas instituições e contextos históricos, pode-se dizer que a “estrutura estruturante” parece ser o ponto de partida para se compreender a “estrutura estruturada”, já que a análise centra-se na formação do *habitus*, na socialização e nas dinâmicas internas e externas vinculadas aos partidos de esquerda, ou seja, os agentes encontram-se sempre inseridos e condicionados por trajetórias que significam aquisição de determinadas disposições.

Se esse esquema teórico-metodológico é apresentado de forma tão “perfeita” (quase tautológica), como explicar as diferentes formas e combinações desenvolvidas sobre as “bandeiras de luta” (estudantil, marxista, católica etc.)? Essa questão, vinculada diretamente com as diferentes formas de inserção ou trajetórias dos agentes, possibilita um diálogo direto com as contribuições de Lahire (2002, p.49) que desde 1998 já criticava “o modelo do ator feliz, em seu negócio, que se sente como um peixe na água, porque está feito para a água e a água feita pra ele, o ator não tensionado ou trabalhado por outras pulsões”. Como notaram Silva e Ruskowski (2016), para Lahire, as disposições

incorporadas pelos agentes não constituem um todo harmonioso, mas uma diversidade que sinaliza a pluralidade empírica na maneira como os agentes agem e reagem em determinados contextos sociais.

Por outro lado, é importante problematizar o próprio fazer científico, já que se trata de um estudo que traz uma análise sobre a esquerda militante, que não pode ser dissociada de um viés político e de uma reflexão sobre seus impactos em termos de uma reprodução social da desigualdade. Nesse sentido, Souza (2016) enfatiza que é necessário não esquecer que as próprias narrativas de mundo e a universidade não estão apartadas da sociedade, portanto, traduzem aspirações de determinados agentes.

O livro pode ser considerado um bom ponto de partida para um interessante debate sobre vigilância epistemológica, autonomia da sociologia, imparcialidade de ciência, “ilusão biográfica” e a produção de conhecimentos engajados. Sobre isso, o próprio Bourdieu (2001) destaca a necessidade de problematizar a autoridade intelectual como arma política, em seu papel na luta contra a dominação simbólica e de sua atuação restrita ao “pequeno mundo acadêmico”. Assim, se pensarmos na perspectiva de um intelectual público (BRAGA, 2009) seria complicado narrar à esquerda do Rio Grande do Sul em termos de “monopólio dos profissionais”, “lógicas de reivindicação e autoridade para falar sobre marxismo” ou estratégias de transferência de capital simbólico.

De qualquer forma, é importante dizer que o livro apresenta uma possibilidade de operacionalização bourdiana associada à idéia de “autonomia”, demonstrando uma influência pontual e bem localizada no conjunto da obra desse teórico. Nas palavras de Braga (2009), pode-se dizer que é a do momento em que o referido intelectual francês não tinha superado a tensão existente entre a atividade do pesquisador e o envolvimento na militância política, ou seja, não se trata do Pierre Bourdieu do “Contrafogos2” nem da epistemologia de uma Sociologia pública.

Referências

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. *A economia das trocas lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *Contrafogos 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BRAGA, R. O Pêndulo de Marx: Sociologias públicas e engajamento social. IN: BRAGA, R; BURAWOY, M. (orgs.). *Por uma Sociologia Pública*. São Paulo: Alameda, 2009.

DOBRY, M. *Sociologia de las crisis políticas*. Madrid: CIS, 2008.

ELIAS, N. Modelos de jogos. In: _____. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999. p. 77-112.

GAXIE, D. Économie des partis et rétributions du militantisme. *Revue française de science politique*, v.27, n.1. Paris, Année, p. 123-154, 1977.

LANDÉ, Carl H. *Introduction: the dyadic basic of clientelism*. In: SCHIMIDT, S.W. et. al. (eds.). *Friends, followers and factions*. Berkeley: University of California Press, 1977, a, p. XIII-XXVII.

LAHIRE, Bernard. *O homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SILVA, M K. S., RUSKOWSKI, B. de Oliveira. *Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise*. Revista Brasileira de Ciência Política, no 21. Brasília, setembro - dezembro de 2016, pp 187-226.

SOUZA, Jessé. *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

Recebido em: 24 de setembro de 2018

Aceito em: 08 de abril de 2018